



ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO: BARREIRAS NA ESCOLHA DA CARREIRA QUE INTERFEREM NA LIBERDADE DE DECISÃO

GENDER STEREOTYPES: BARRIERS TO CHOOSING A CAREER THAT INTERFERES WITH FREEDOM OF DECISION-MAKING

Isabela Cardoso Barbosa Lima   Universidade de Taubaté, São Paulo, Brasil.
Ariane Monique de Souza Costa   Universidade de Taubaté, São Paulo, Brasil.
Paulo Francisco de Castro   Universidade de Taubaté, São Paulo, Brasil.



**Revista
Práxis em Saúde**

Ano III | Volume III | n II | Florianópolis | 2025 | ISSN: 2966-1056

DOI: <https://doi.org/10.56579/prxis.v3i2.2432>

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO: BARREIRAS NA ESCOLHA DA CARREIRA QUE INTERFEREM NA LIBERDADE DE DECISÃO***GENDER STEREOTYPES: BARRIERS TO CHOOSING A CAREER THAT INTERFERES WITH FREEDOM OF DECISION-MAKING***

Isabela Cardoso Barbosa Lima¹
Ariane Monique de Souza Costa²
Paulo Francisco de Castro³

Resumo: A escolha da graduação muitas vezes é influenciada por estereótipos de gênero, que associam habilidades e comportamentos distintos a homens e mulheres desde a infância. Características como comunicação e cuidado são geralmente atribuídas às mulheres, enquanto lógica e técnica são associadas aos homens, influenciando expectativas sociais e educacionais. O presente estudo visa discutir a liberdade de escolha profissional frente a esses estereótipos, utilizando dados secundários do Relatório de Estágio do Curso de Psicologia. Foram aplicados 160 questionários a universitários de 18 a 36 anos, com predominância de 19 anos, em oito cursos diferentes. A maioria dos participantes (94%) afirmou que o gênero não influenciou sua escolha, e 85% disseram não ter sentido pressão quanto à escolha profissional. Ainda, 78% escolheriam o mesmo curso mesmo se fossem de outro gênero, e 48% não veem áreas mais apropriadas para um gênero específico. No entanto, 81,25% foram inspirados por alguém na escolha da profissão, e 72% dessas influências vieram de pessoas do mesmo gênero. Assim, embora a maioria declare escolhas livres de estereótipos, as influências revelam que o gênero ainda exerce impacto, indicando a necessidade de mais estudos e discussões para superar essas barreiras.

Palavras-chave: Escolha Profissional; Estereótipo De Gênero; Avaliação Psicológica.

Abstract: The choice of a major is often influenced by gender stereotypes, which associate distinct skills and behaviors with men and women since childhood. Characteristics such as communication and care are generally attributed to women, while logic and technique are associated with men, influencing social and educational expectations. This study aims to discuss the freedom of professional choice in the face of these stereotypes, using data from the Internship Report of the Psychology Course. 160 questionnaires were applied to university students aged 18 to 36, with a predominance of 19 years old, in eight different courses. The majority of participants (94%) stated that gender did not influence their choice, and 85% said they did not feel pressure regarding their professional choice. Furthermore, 78% would choose the same course even if they were of another gender, and 48% do not see areas more appropriate for a specific gender. However, 81.25% were inspired by someone in their choice of profession, and 72% of these influences came from people of the same gender. Thus, although the majority declare choices free from stereotypes, the influences reveal that gender still has an impact, indicating the need for further studies and discussions to overcome these barriers.

Keywords: Professional Choice; Gender Stereotype; Psychological Assessment.

¹ Graduanda em psicologia pela Universidade de Taubaté. Email: isabelacardosoblina@gmail.com

² Graduanda em psicologia pela Universidade de Taubaté. Email: ari.msc@hotmail.com

³ Orientador e professor na Universidade de Taubaté, Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Mestre em Educação, Especialista em Avaliação Psicológica e Psicologia Clínica. Email: Paulo.castro@unitau.br

INTRODUÇÃO

A escolha da graduação pode ser fortemente influenciada por estereótipos de gênero, já que desde a infância, meninas e meninos aprendem padrões sociais distintos sobre comportamento, habilidades e papéis considerados “adequados” ao seu gênero. Frases como “meninos não choram” ou “meninas não jogam bola” ilustram como essas normas são internalizadas precocemente, impactando a construção da identidade e das aspirações profissionais.

Segundo Lassance e Magalhães (1997 *apud* Shimada; Melo-Silva, 2013), a socialização reforça a hierarquização dos papéis sociais, o que leva à naturalização de certas profissões como femininas — ligadas ao cuidado e à afetividade — e outras como masculinas — associadas à racionalidade, liderança e prestígio social.

Esses estereótipos moldam percepções de competência e influenciam a autoconfiança dos indivíduos, especialmente das mulheres, que muitas vezes se sentem desencorajadas a seguir áreas como ciências exatas e tecnologia. Para Su, Rounds e Armstrong (1997 *apud* Shimada; Melo-Silva, 2013), tais padrões são cruciais na compreensão da desigualdade de gênero nas escolhas educacionais.

Dessa forma, promover a igualdade nas escolhas profissionais requer desconstruir os estereótipos de gênero desde cedo, garantir representatividade e oferecer orientação vocacional neutra, incentivando a liberdade de escolha independente do gênero.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A coleta de dados foi realizada durante a realização do Estágio Básico I do 3º semestre de Psicologia da Universidade de Taubaté (UNITAU), utilizando revisão de literatura, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários. As entrevistas, guiadas por um roteiro baseado em referencial teórico, foram realizadas com quatro psicólogos/professores, cada um com enfoque em uma área específica, permitindo respostas abertas sobre o fenômeno estudado. As entrevistas ocorreram com base em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O questionário, elaborado em 20/04/2024, seguiu modelo estruturado em duas partes (dados sociodemográficos e questões temáticas) e teve como objetivo coletar informações quantitativas e qualitativas de estudantes universitários. Foram

coletadas 160 respostas: 82 (51,25%) de pessoas do gênero feminino e 78 (48,75%) do gênero masculino, com predominância na faixa etária de 18 a 21 anos.

Além disso, foram utilizados dados institucionais fornecidos pela secretaria da UNITAU, referentes ao número de matrículas nos cursos de Engenharia e Psicologia.

Foi utilizado o seguinte questionário:

- Idade:
- Gênero com qual se identifica:
- Curso:
- Semestre:

Durante a escolarização, você teve alguma orientação vocacional?

☐ Sim ☐ Não

Se sim, gostaria de ter tido?

☐ Sim ☐ Não

Você levou em consideração seu gênero para escolher a sua graduação? Justifique.

☐ Sim ☐ Não

Você sentiu ou sente alguma pressão para escolher uma profissão “adequada” ao seu gênero? Justifique.

☐ Sim ☐ Não

Na sua profissão escolhida, tem alguém que te inspira?

☐ Sim ☐ Não

É do mesmo gênero que você?

☐ Sim ☐ Não

Se você fosse de outro gênero, escolheria o mesmo curso?

☐ Sim ☐ Não

Você acha que existem áreas mais voltadas/específicas para cada gênero?

☐ Sim ☐ Não

Você acredita que os estereótipos de gênero influenciam a escolha profissional?

☐ Sim ☐ Não

Você acha importante as escolas abordarem discussões sobre desconstruir essa visão de estereótipo de gênero nas profissões?

☐ Sim ☐ Não

RESULTADOS

Os resultados mostraram que 130 pessoas (81%) relataram ter alguém que os inspira em suas profissões escolhidas, enquanto 30 (19%) disseram não ter. Esse dado evidencia a forte presença de modelos inspiradores no processo de escolha profissional dos participantes. Os dados revelam que tanto mulheres quanto homens afirmaram ter alguém que os inspira: 68 (42%) mulheres e 62 (39%) homens. Já 14 mulheres (9%) e 16 homens (10%) relataram não possuir uma figura inspiradora.

Além disso, dos 138 participantes que afirmaram ter um modelo de inspiração, 100 (72%) disseram que essa pessoa é do mesmo gênero que eles, enquanto 38 (28%) relataram que seu modelo é de outro gênero.

Ao desagregar os dados por gênero dos participantes, nota-se que 53 mulheres (41%) e 47 homens (36%) se inspiram em alguém do mesmo gênero. Por outro lado, 15 mulheres (12%) e 14 homens (11%) apontaram modelos de outro gênero. Do mesmo modo, 125 participantes (78%) afirmaram que escolheriam o mesmo curso mesmo se fossem de outro gênero, enquanto 35 (22%) disseram que não.

Entre as mulheres, 67 (42%) escolheriam o mesmo curso mesmo sendo de outro gênero, enquanto 15 (9%) disseram que não. Entre os homens, 58 (36%) escolheriam o mesmo curso e 20 (13%) não escolheriam. Notou-se, também, que 84 participantes (52%) acreditam que existem áreas mais voltadas para determinados gêneros, enquanto 76 (48%) discordam dessa ideia. De forma mais detalhada, entre os que acreditam na existência dessas áreas, 37 (23%) são mulheres e 47 (30%) são homens. Já entre os que não acreditam, 45 (28%) são mulheres e 31 (19%) são homens. Essa divisão é reforçada no fato de 84 participantes (52%) reconhecerem a influência dos estereótipos de gênero na escolha profissional, enquanto 76 (48%) não percebem essa influência.

Ademais, 63 mulheres (39%) e 52 homens (33%) acreditam na influência dos estereótipos de gênero na escolha profissional. Apenas 19 mulheres (12%) e 26 homens (16%) disseram não acreditar nessa influência. Adicionalmente, 153 participantes (96%) acreditam que é importante que as escolas discutam questões de gênero nas profissões, enquanto apenas 7 (4%) afirmam o contrário.

DISCUSSÃO

Os resultados revelam que a inspiração profissional exerce grande influência na escolha de carreira, sendo que a maioria dos participantes afirma ter alguém que os inspira, geralmente do mesmo gênero. Isso reforça a importância da representatividade, como também apontam Ramos, Farias e Souza (2023), ao destacar que a identificação com profissionais da área pode motivar escolhas mais seguras e engajadas.

Apesar de muitos afirmarem que escolheriam o mesmo curso mesmo se fossem de outro gênero, uma parcela relevante afirmou o contrário, indicando que estereótipos de gênero ainda impactam decisões acadêmicas e profissionais. A feminização de determinadas áreas, como a Educação, exemplifica como essas construções sociais ainda direcionam expectativas e escolhas.

A divisão nas respostas sobre a existência de profissões voltadas para um gênero específico mostra a persistência de percepções estereotipadas. A ideia de que mulheres “não são boas em exatas” ou que homens sofrem preconceitos em profissões associadas ao cuidado evidencia os limites impostos por essas crenças, ou seja, esses estereótipos internalizados podem inibir talentos e restringir oportunidades.

A quase unanimidade em reconhecer a importância de discutir gênero nas escolas demonstra uma clara demanda por práticas pedagógicas mais inclusivas. As escolas, conforme destacam Louro (2012) e Lima *et al.* (2017), não apenas reproduzem, mas também constroem concepções de gênero, influenciando diretamente as escolhas profissionais dos alunos.

Portanto, os dados reforçam a necessidade de investir em uma educação que questione papéis de gênero tradicionais e estimule a liberdade de escolha, favorecendo a construção de trajetórias profissionais mais igualitárias e diversas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estágio teve como objetivo compreender de que forma os estereótipos de gênero influenciam as escolhas profissionais, por meio de questionários e entrevistas. Os dados revelaram a ausência de orientação vocacional para muitos participantes e

indicaram que, embora a maioria não tenha considerado o gênero como fator determinante na escolha da graduação, muitas mulheres relataram sentir pressão para optar por profissões "adequadas" ao seu gênero.

Essas percepções evidenciam a persistência de normas sociais que limitam as possibilidades profissionais, principalmente para as mulheres. A educação surge como ferramenta essencial para desconstruir esses estereótipos, sendo fundamental que escolas, famílias e políticas públicas promovam reflexões sobre igualdade de gênero desde a infância.

Apesar de alguns avanços, desigualdades como a menor presença feminina em cargos de liderança e as disparidades salariais ainda persistem. Assim, é urgente a promoção de uma cultura educacional mais inclusiva, que incentive escolhas livres de preconceitos e valorize a equidade de oportunidades para todos, independentemente do gênero.

REFERÊNCIAS

BARROS, Leonardo de Oliveira. Instrumentos de Avaliação Psicológica em Orientação de Carreira: Análise da Produção Nacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 40, n. 1, p. 1-17, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003203346>.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Revista Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em: <https://ojs.uniaraxa.edu.br/index.php/evidencia/article/view/201/187>. Acesso em: 16 maio 2024.

LIMA, Flaviane Izidro Alves de; VOIG, Ana Elisa Gambarti Teixeira; FEIJÓ, Marianne Ramos; CAMARGO, Mario Lázaro; CARDOSO, Hugo Ferrari. A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n.1, p. 33-50, jan/jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10818/7004>. Acesso em: 17 maio 2024.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; PEREIRA, Marcos Emanuel. **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.).

Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.8.ed.
Petrópolis: Vozes, 2012. p.41-52.

MADALOZZO, Regina. CEOs e composição do conselho de administração: a falta de identificação pode ser motivo para existência de teto de vidro para mulheres no Brasil?. **Revista Administração Contemporânea**, Curitiba, v.15, n.1, p.126-137, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n1/v15n1a08.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2024.

RABELO, Amanda Oliveira. O gênero e a profissão docente: impactos na memória das normalistas. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 6, p. 58-67, jun. 2007. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/RevistaArtemis/2007/vol6/6.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2024.

RAMOS, Millena Silva; FARIAS, Mayrhon José Abrantes; SOUZA, Adriano Lopes de. Da inspiração à profissão: compreendendo o processo de construção da docência feminina na Educação Física. **Praxia**, Goiânia, v. 5, e2023004, 2023. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/praxia/article/view/13613/9651>. Acesso em: 18 mai. 2024.

SANTOS, Erica Karine Santana; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. A influência dos estereótipos de gênero no julgamento de profissões. **Revista brasileira orientação profissional**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 65-77, jun. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902022000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 mar. 2024.

SHIMADA, Milena; MELO-SILVA, Lucy Leal. Interesses profissionais e papéis de gênero: escolhas femininas no BBT-Br. **Avaliação psicológica**, Itatiba, v. 12, n. 2, p. 243-251, ago. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000200015&lng=pt&nrm=is. acesso em 19 mar. 2024.

SILVA, Laura. Estudo sobre a Orientação Vocacional e Profissional - Escolhas. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 239-244, mai/ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-353920150202957>.